



NEOCOLONIAL, MODERNISMO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NO DEBATE CULTURAL DOS ANOS 1920 NO BRASIL.

PINHEIRO, MARIA LUCIA BRESSAN. SÃO
PAULO, EDUSP/FAPESP, 2012 308 P.

Marcelo Saldanha Sutil

pós- | 261

1920 – UMA DÉCADA EM FOCO

A década de 1920 ainda oferece um vasto campo de estudos. As origens de um Brasil moderno, de certa forma, podem ser buscadas nesse período, quando o País vivenciou questões relevantes, como crise na República, renovações políticas, novidades técnicas, processos de urbanização intensificados, acirrados debates culturais e a emergência de novas ideias, expressas não apenas no campo econômico e político, mas também na sensibilidade e no gosto. Uma busca pelas raízes e por um imaginário nacional. Neste ponto, em particular, Maria Lucia Bressan Pinheiro concentra sua atenção e revisita temáticas muitas vezes dadas como resolvidas - embora ainda controversas -, no livro *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*.

Fruto de sua tese de livre-docência na FAUUSP, a autora, tomando a problemática modernidade/tradição como fio condutor de uma cuidadosa investigação histórica, tece uma pesquisa que envolve personagens e temas fundamentais para compreender a representação da arquitetura e do patrimônio brasileiros que perpassou os Novecentos, ou seja: de que maneira o debate e os embates travados por nomes como Ricardo Severo, José Mariano Filho, Lucio Costa, Mário de Andrade, entre outros intelectuais, em torno da temática *neocolonial-modernismo-preservação*, estabeleceram as noções de patrimônio cultural e de ensino da Arquitetura e sua historiografia, que ainda hoje são aceitas como verdades únicas, por muitos profissionais?

Contraditoriamente, a trama é elaborada desafiando e desafiando a resistência do tecido já existente; haja vista que sua tessitura inicial deve-se, em boa parte, aos escritos e às ideias de Lucio Costa, personagem emblemático desse enredo. Costa foi hábil na construção de marcos cronológicos para o modernismo arquitetônico brasileiro, além de ter sido o principal responsável por eleger marcos na historiografia da arquitetura nacional. Para contornar esse aspecto, a

autora, como competente pesquisadora, ao desconstruir um modelo já existente, buscou outro referencial de análise, para compreender o período estudado sob um olhar diverso, além de vasculhar fontes primárias precisas e vastas, como conferências, textos, jornais e revistas de época, que deram o tom do discurso.

A utilização de textos de Paulo Santos, como referencial, foi decisiva para o encaminhamento da discussão ao longo do livro. Contemporâneo de Lúcio Costa na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), Paulo Santos também acompanha o colega na polarização *colonial-moderno*, vital para seu modelo de construção historiográfica da Arquitetura. Entretanto, ao contrário deste, Santos percebe o neocolonial como um condutor entre passado e presente, o elo que explicaria o ressurgimento da cultura local, após o ecletismo. Esse foi um ponto crucial para o desenvolvimento das ideias de Maria Lucia. Sem fazer uma apologia ao movimento neocolonial, ela o percebe como de fato foi. Assim, o neocolonial polariza e permeia boa parte dos sete capítulos da obra, numa visão sem preconceitos e há muito necessária, na historiografia da arquitetura brasileira.

Permitir-se uma nova leitura sobre o neocolonial, livre das amarras existentes, foi fundamental para que as atenções da pesquisa se dirigissem a toda a problemática cultural que envolve os anos de 1920. Período de dúvidas e incertezas, por parte de intelectuais e artistas, e momento em que se buscava uma imagem de nacionalidade. Década em que se assentaram as bases que originariam o moderno na arquitetura nacional, que, no caso brasileiro, traduziu-se pela negação a qualquer movimento que recordasse, principalmente, os Oitocentos e o início do século 20; sentimento este muito presente também nas vanguardas europeias. Entretanto, se o modernismo do Velho Mundo dirigia suas críticas ao passadismo, no Brasil, nossos modernistas, ao contrário, se comprometiam com um passado anterior aos Oitocentos, ou seja, com o nosso colonial. Formou-se, então, a matemática do *moderno + colonial*, que, intelectualmente, deve muito a Mário de Andrade e a Rodrigo de Mello Franco.

Apenas para ampliar o debate proposto no livro, é importante lembrar que, ao mesmo tempo em que vanguardas artísticas brasileiras partiam em busca de um passado colonial, autores das Ciências Humanas, como Sergio Buarque de Holanda, entre outros, elaboravam justamente a crítica desse mesmo passado. Se, para estes, muitas das mazelas brasileiras têm origem colonial, para os primeiros, era justamente nesse período que se devia assentar uma autenticidade formal, capaz de definir um estilo próprio. As viagens e estudos de campo, sobretudo pelo interior mineiro, patrocinadas por mecenas como Mariano Filho, dos quais Lucio Costa foi participante, atestam essa busca.

Como a própria Maria Lucia expõe em sua introdução, essas são questões e inquietações que se avolumam, desde a conclusão de seu mestrado, em 1989, quando o ecletismo foi por ela estudado. O eclético teve seu auge nas duas décadas iniciais dos Novecentos, mas adentrou ainda pelos anos de 1920, contemporaneamente ao neocolonial, bem como às ainda incipientes iniciativas em prol do patrimônio cultural e à emergência das primeiras questões modernistas na arquitetura. Se na ribalta essas questões suscitavam debates, nos bastidores o clima de quase intrigas transparecia, seja pelo controle da Enba, ou pela afirmação do novo em detrimento do antigo.

Assim, o que a autora propõe é um bem-vindo passeio, inicialmente na São Paulo de Ricardo Severo e Victor Dubugras, onde teria nascido o

neocolonial; posteriormente, adentrando o Rio de Janeiro, palco principal de sua trama, em plenos festejos do Centenário da Independência, para então nos apresentar os conflitos internos da Enba, paralelamente às questões relacionadas ao ensino da Arquitetura e à prática preservacionista. Dois personagens se destacam nessa história e perpassam todo o livro: José Mariano Filho e Lucio Costa, figuras centrais, que capitaneiam o diálogo em torno da temática, nos anos de 1920. As questões são muitas e se entrelaçam, e nesse ponto reside o ineditismo da obra, que aborda conjuntamente temas até então estudados separadamente e, por isso mesmo, restritos em seus resultados. A cada capítulo, um novo ponto de vista é acrescentado e outra visão da história é aberta aos olhos do leitor, que percebe personagens que se revezam, como Lucio Costa, ora num, ora noutro ideal, como num carrossel, para usar uma expressão da própria autora.

O trabalho de Maria Lucia Bressan Pinheiro é leitura essencial para desmistificar antigas concepções e lançar novos olhares sobre um tema ainda em aberto. Mostra o entrelaçamento e os nexos existentes entre o neocolonial e o moderno, principalmente em busca de uma identidade nacional; trabalha assuntos até então pensados isoladamente; percorre os mesmos passos de personagens vitais para essa história e deslinda pontos sobre as primeiras ações patrimoniais, ainda desconhecidos de boa parcela do público. Nesse percurso, a autora realiza uma das maiores metas de todo pesquisador, que é a de bem informar e bem documentar. Antes de conclusões definitivas, o livro nos apresenta portas abertas para novos debates e estudos – e nesse aspecto reside sua grande contribuição.

Marcelo Saldanha Sutil

Doutor em História/UFPR, coordenador do Museu da Cidade de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba.

Rua Nicolau Maeder, 211, apto. 101

80030-330 – Curitiba, PR

m.sutil@terra.com.br